



Reflexões acerca da Etnobiologia e Etnoecologia no Brasil

Roque Ismael da Costa Güllich
(Organizador)

Roque Ismael da Costa Güllich
(Organizador)

Reflexões acerca da Etnobiologia e Etnoecologia no Brasil

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

R332 Reflexões acerca da etnobiologia e etnoecologia no Brasil [recurso eletrônico] / Organizador Roque Ismael da Costa Güllich. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-102-2

DOI 10.22533/at.ed.022190502

1. Ecologia humana. 2. Etnobiologia. I. Güllich, Roque Ismael da Costa.

CDD 304.2

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Etnobiologia um novo ramo da biologia que vem se consolidando com aporte na ecologia humana e na antropologia que tem como cerne a perspectiva etnográfica na sua constituição, ou seja: o conhecimento adquire fluidez a partir do campo empírico, da cultura, do diálogo entre saberes.

Assim, como vai sendo constituída vai se consolidando como Ciência, como campo de pesquisa e como prática. Basicamente primando pela pesquisa científica, pelo diálogo, mas acima de tudo pela escuta do sujeitos envolvidos nos processos, a Etnobiologia sugere a Ciência um novo contrato social e pedagógico. Este outro e diferente modo de pesquisar, ou seja, ouvindo, resgatando e dialogando com comunidades locais, afim de conhecer-na-ação, através de pesquisa participante e com isso comprometida socialmente e apropriando-se dos estilos do coletivo cultural que conhece e estabelece os processos cotidianos.

A perspectiva de pesquisa que se inicia através do conhecimento de realidades e se processa no embate com as discussões e sistematizações teóricas acadêmicas não se descuida, com isso, do método científico, mas aposta nele através de uma dimensão histórico-cultural, como forma de produção e natureza do conhecimento científico.

A Etnobiologia além de fazer a escuta social dos coletivos de pensamento, das percepções humanas acerca da natureza que os rodeia e de perceber a dialética que a prática e a teoria possibilitam ler na perspectiva da práxis, toma para si a necessidade da ciência moderna de perceber o outro, que é o sujeito do conhecimento, e então apura-se no intento de ao pesquisar o sujeito do mundo cotidiano possibilitar a ele e a ciência o conhecimento da natureza e emanar desta relação as necessidades de se conhecer para preservar.

De posse dos etnoconhecimentos constituídos ao longo da história da humanidade a Ciência Biológica pode facilitar outros diálogos de saberes, em especial com a Cultura, com as Ciências e com a Sociedade, no que pese pela educação, ou seja, com o ensino de Biologia e Ecologia, pois interdisciplinaridade é um eixo na etnobiologia e assim, é também necessária a ela a interpersoalidade, pois é nela que se estabelece interação e diálogo.

Neste contexto, a Sociedade, as Instituições de Ensino e de Pesquisa ganham uma nova ferramenta a etnobiologia/etnoecologia como modo/forma de articular o que sabemos, aprendemos e ensinamos a partir da realidade das comunidades, resgatando o conhecimento local, educando pela pesquisa e ressignificando conceitos e práticas culturais a luz dos conhecimentos da(s) Ciência(s) na perspectiva da produção conceitual de conhecimentos biológicos/ecológicos.

Acredito que a deixa é esta, pois quando a Sociedade, a Cultura e as Ciências se reconhecem como modo de produção e moradia para o conhecimento, perceberemos novas relações tecidas no âmbito da cultura e convívio social, entendendo que a interlocução entre os diferentes sujeitos constitui pensamento e linguagem. Constroem-

se assim, novos saberes, novos diálogos, propósitos, projetos e práticas que nos (re)educam na interação entre cotidiano da experiência social, cultural e científica.

O livro que ora apresentamos está recheado de sentidos e significados em 14 diferentes capítulos que dispõe conhecimentos biológicos, ecológicos, culturais, narrativas, educação, meio ambiente, que com suas diferentes facetas compõe a Etnobiologia de um tempo presente, que respeita o passado cultural de nosso povo e prospecta cada vez mais um futuro científico multicultural.

Assim, a Etnobiologia vem ao encontro dos anseios sociais e científicos, com nuances e estilos que possibilitam performances outras, novas leituras e formas de ensinar, pesquisar, como fenômeno discursivo e de ação propiciado pela interação, pelo envolvimento que a ferramenta etno nos apresenta e nos faz apropriar. Com isso, cultura, sociedade, pesquisa, ciência, ensino e biologia/ecologia ganham em forma e (re)forma, com o desenvolvimento de possibilidades novas e outras neste advento contemporâneo: que se envolve e apercebe também da ética e da estética no contexto e argumento maior do planeta: a sobrevivência da Terra.

O livro é um convite ao diálogo entre distintos saberes, bem como uma coletânea de aprendizagens que ora se dispõe a leitura e crítica da comunidade científica e em geral.

Boa Leitura,

Prof. Dr. Roque Ismael da Costa Güllich

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FISHERMEN KNOWLEDGE ON BOTOS TO SUPPORT MANAGEMENT STRATEGIES IN THE MIDDLE TAPAJÓS RIVER, BRAZIL	
Marcelo Derzi Vidal Simone Athayde Mateus Ferreira de Moura Gisselly Poliana Santos Muniz Luiz Cláudio Pinto de Sá Alves	
DOI 10.22533/at.ed.0221905021	
CAPÍTULO 2	16
DESAFIOS NA CONSERVAÇÃO DE SEMENTES CRIOLAS E NA PROMOÇÃO DA AUTONOMIA PARA A TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA	
Eliane Dalmora	
DOI 10.22533/at.ed.0221905022	
CAPÍTULO 3	30
LEVANTAMENTO DE ESPÉCIES VEGETAIS CULTIVADAS EM ROÇAS DA REGIÃO METROPOLITANA E ÁREA DE EXPANSÃO METROPOLITANA DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA	
Daiane Rodrigues dos Santos Iasmin Laiane Castro Oliveira Ilana Maciel Paulo Mamédio João Paulo Silva Vieira Mileide Santos Coutinho Adriana Rodrigues Passos	
DOI 10.22533/at.ed.0221905023	
CAPÍTULO 4	37
UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS: NOVOS DESAFIOS PARA INVESTIGAÇÕES ETNOBIOLÓGICAS E ETNOECOLÓGICAS	
Érika Fernandes-Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.0221905024	
CAPÍTULO 5	52
CONHECIMENTOS ECOLÓGICOS DE COMUNIDADES TRADICIONAIS RIBEIRINHAS DO RIO SÃO FRANCISCO: CONTRIBUIÇÃO AOS PROCESSOS DE RETERRITORIALIZAÇÃO E À RESOLUÇÃO DE CONFLITOS AMBIENTAIS	
Ana Paula Glinfskoi Thé Cláudia Santos Almeida Mariana Moreira Fróis	
DOI 10.22533/at.ed.0221905025	
CAPÍTULO 6	59
O CONHECIMENTO DO SENSO COMUM DE UM GRUPO DE PROFISSIONAIS DA ÁREA CRIMINAL DA PARAÍBA SOBRE OS INSETOS DE INTERESSE FORENSE EM LOCAIS DE CRIME	
Valéria Brito Franco Carla de Lima Bicho	
DOI 10.22533/at.ed.0221905026	

CAPÍTULO 7	66
OS POMERANOS E OS PRIMATAS NÃO-HUMANOS DE SANTA MARIA DE JETIBÁ	
Flávia Martinelli Maria Otávia Silva Crepaldi	
DOI 10.22533/at.ed.0221905027	
CAPÍTULO 8	81
MULHERES MBYA GUARANI: RECONHECIMENTO E PRODUÇÃO DE ESPÉCIES VEGETAIS UTILIZADAS TRADICIONALMENTE EM ADORNOS E CESTARIAS	
Kátia Mara Batista Vanilde Citadini-Zanette	
DOI 10.22533/at.ed.0221905028	
CAPÍTULO 9	84
ESTUDO ETNOECOLÓGICO SOBRE O RIO SANTA MARIA DO RIO DOCE: COMO DIFERENTES GERAÇÕES SE RELACIONAM COM O RIO	
Aline Araújo Vago Gabriel Paola Maia Lo Sardo	
DOI 10.22533/at.ed.0221905029	
CAPÍTULO 10	91
ENTRE MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS: OS QUINTAIS COMO ESPAÇOS DE RECONSTRUÇÃO DAS TRAJETÓRIAS DE VIDA EM IBIRITÉ, MINAS GERAIS	
Yan Victor Leal da Silva Geisa Gabriela da Silva Carine Silva Gonçalves Emmanuel Duarte Almada	
DOI 10.22533/at.ed.02219050210	
CAPÍTULO 11	108
AS MUITAS FORMAS DE ESINAR BOTÂNICA: DAS METODOLOGIAS À ETNOBOTÂNICA	
Roque Ismael da Costa Güllich	
DOI 10.22533/at.ed.02219050211	
CAPÍTULO 12	124
EDUCAÇÃO AMBIENTAL: NARRATIVA DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
Eulina da Silva Lima Camila Iorrane Costa Santana Cheylla Jayna Silva Nascimento Leite Evellyne de Sousa Oliveira Carolina Pereira Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.02219050212	
CAPÍTULO 13	131
AVALIAÇÃO DA TOXICIDADE DO EXTRATO ETANOLICO DE <i>Turnera Ulmifolia L.</i> ATRAVÉS DO BIOENSAIO DE LETALIDADE FRENTE À <i>Artemia Salina Leach.</i>	
Gabriele de Sousa Meneses Orianna dos Santos Fabelina Karollyne Silva dos Santos Manuella Feitosa Leal Ana Carolina Landim Pacheco Marcia Maria Mendes Marques	
DOI 10.22533/at.ed.02219050213	

CAPÍTULO 14 143

NOTAS ETNOBOTÂNICAS SOBRE O USO DA CABAÇA, *LAGENARIA SICERARIA* (MOLINA)
STAND. NA ESPANHA

[José Geraldo de Aquino Assis](#)

[Maria del Mar Gutierrez Murillo](#)

DOI 10.22533/at.ed.02219050214

SOBRE O ORGANIZADOR..... 155

MULHERES MBYA GUARANI: RECONHECIMENTO E PRODUÇÃO DE ESPÉCIES VEGETAIS UTILIZADAS TRADICIONALMENTE EM ADORNOS E CESTARIAS

Kátia Mara Batista
Vanilde Citadini-Zanette

tradição guarani, dos tipos comuns, já enumerados para o litoral. Quando ocorrem grandes urnas funerárias, a profundidade alcança 1,5 m (ROHR, 1973, p. 58)

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Mbya Guarani; Biodiversidade; Vulnerabilidade Socioambiental.

O Projeto de Ensino e Extensão realizado por docentes do Instituto Federal Catarinense (IFC-Araquari/SC) e teve como objetivo estimular e fortalecer a Cultura Mbya Guarani e estender conhecimentos técnicos de cultivo de espécies vegetais utilizadas em criações artísticas, principal fonte de renda de mulheres Mbya Guarani das aldeias do litoral norte de Santa Catarina, Brasil.

A presença dessa população no estado de SC é registrada cerca de 900 anos atrás, segundo Schmitz e Ferrasso (2011), período considerado como o clímax do povoamento Guarani. Rohr (1973) observa a expressiva presença de sítios arqueológicos no estado de Santa Catarina quando relata:

Desde a fronteira da Argentina, até o vale do Rio do Peixe, numa extensão de aproximadamente 250 km ocorrem paradeiros guarani com abundante cerâmica. Uma extensão de 30 km, a partir da fronteira da Argentina foram pesquisados detidamente, tendo sido registrados 50 sítios com cerâmica de

Pesquisas arqueológicas realizadas na ilha de Santa Catarina encontraram vestígios da presença de Mbya Guarani 400 anos antes da chegada dos europeus, à época denominada Carijó. De acordo com registros em documentos históricos, em 1528 aparece pela primeira vez o emprego do nome Guarani, na carta de Luiz Ramires (AUTOR, ano).

O Guarani litorâneo ou Carijó mantinha comunicação com os demais Guarani que ocupavam os atuais estados do Rio grande do Sul, Paraná, São Paulo e os países Paraguai, Argentina e Bolívia da América do Sul. O registro mais simbólico de contato foi feito pelo navegador espanhol Álvaro Núñez Cabeza de Vaca que ao ser nomeado governador do Paraguai, desembarcou na ilha de Santa Catarina, em 1541, e seguiu pelo caminho do Peabiru até Assunção (PY), guiado pelos Guarani (BUENO, 1999).

Durante o percurso da viagem, Cabeza de Vaca registrou a fatura de alimentos que encontrava nas aldeias por onde passava sua comitiva com mais de 200 pessoas e observou que, desde o litoral até Assunção, a população

Guarani falava uma só língua: “*Esses índios pertencem à tribo dos Guaranis; são lavradores que semeiam o milho e mandioca duas vezes por ano, criam galinhas e patos da mesma maneira que nós na Espanha, possuem muitos papagaios, ocupam uma grande extensão de terras e falam uma só língua*” (CABEZA DE VACA apud BUENO, 1999, p.157).

Atualmente essas populações vivem em pequenos fragmentos de territórios denominados Terras Indígenas (TI), em sua grande maioria ainda não regularizada, o que torna vulnerável a permanência dos indígenas nessas aldeias. De acordo com relatos de mulheres Guarani registrado durante o desenvolvimento de projeto “*o nosso avô Nhanderu Mirim já morava aqui, pois ele deu nomes para esses lugares. Nós, Guarani, já estivemos aqui procurando aquela terra sagrada. Hoje, ainda continuamos aqui*”.

Algumas estão em situação de risco, como as áreas de domínio público na beira das rodovias, outras enfrentam situação de conflitos com pessoas que se dizem proprietárias e não admitem a presença indígena e, algumas vivem de favor sobre terras alheias, além da presença em unidades de conservação ambiental.

Restaram aos Mbya Guarani, terra imprópria para a agricultura e com o desenvolvimento do projeto constatou-se que as aldeias têm espaço territorial reduzido para seus cultivos, e que em suas poucas reservas de mata não disponibilizavam de algumas espécies vegetais para a produção dos materiais artísticos.

As mulheres desse povo com mãos hábeis e sensibilidade realizam com perfeição as técnicas que criam o artesanato, que, conforme relatado por elas, “É na arte de produzir o artesanato que o aspecto sagrado é manifestado por meio dos ensinamentos divinos” (BATISTA, 2017).

A identificação botânica das espécies foi realizada pela observação das peças artísticas produzidas como colares, brinco, pulseiras, cestarias, arco-e-flechas, zarabatanas, chocalhos, entre outras. Em encontros semanais no IFC/SC e nas aldeias, durante o desenvolvimento do projeto “*Mulheres Mil Artesanato Indígena*” (IFC - Araquari/FUNAI/SESAI, 2013), participaram 45 mulheres das aldeias Mbya Guarani da região.

Foram realizados levantamentos e estudos etnobotânicos locais, com coleta de sementes, produção de mudas e cultivo das espécies utilizadas na produção de adornos e cestarias. De acordo com Batista e Citadini-Zanette (2016) os artesanatos produzidos para cestarias são confeccionados de *Bambusa tuldoides* Munro – taquara pertencente à família Poaceae, colares de penas e sementes, de *Dioclea violacea* Benth. – planta trepadeira da família Fabaceae, que carregam simbologias. A arte de fazer o artesanato é repleta de explicações sobre mitos. O grafismo das cestarias possui um arsenal simbólico e mitológico que a pura comercialização lhe escapa. O projeto possibilitou ampliar a disponibilidade da matéria-prima utilizada por meio de cultivos de mudas e sementes, com incremento na biodiversidade nas aldeias e maior disponibilidade de sementes coletadas, fato que poderá proporcionar maior autonomia

para execução dos trabalhos de criação artística Guarani.

Como a produção desses materiais artesanais consiste em uma atividade de relevante potencial socioeconômico para as mulheres Mbya Guarani das aldeias do litoral norte de Santa Catarina, o projeto possibilitou também maior conhecimento sobre as relações comerciais e de valorização cultural de seus produtos.

Por se tratar de um projeto desenvolvido com recursos advindos do Programa Federal para a capacitação de mulheres em vulnerabilidade social – “*Programa Mulheres Mil*” - todos os procedimentos legais foram apresentados ao Ministério de Educação e Cultura pelas instituições que desenvolveram o projeto.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Kátia Mara; CITADINI-ZANETTE, Vanilde. Vivências com mulheres Guarani Mbyas. In: SOUTO, Francisco José Bezerra; DUQUE-BRASIL, Reinaldo; SOLDATI, Gustavo Taboada; CHAU MING, Lin; COSTA NETO, Eraldo Medeiros (Org.). **Quando pensa que não...: contos, causos e crônicas em etnoecologia**. v. 2. Feira de Santana: Z Arte, 2016, p. 288-290.

BATISTA, Kátia Mara. **Saberes Tradicionais do Povo Mbya Guarani como cultura de referência: Contribuição teórica à sociobiodiversidade e sustentabilidade ambiental**. 141 f. Tese (Doutorado) - Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Criciúma, 2017.

BUENO, Eduardo. **Intr. Cabeza de Vaca. Naufrágios e Comentários**. Porto Alegre. LPM/POCKET, 1999.

ROHR, Alfredo J. O sítio arqueológico do Balneário de Cabeçudas. **Ciência e Cultura**. (Suplemento). São Paulo: SBPC, v. 22, n.6, p.58, 1973.

SCHMITZ, Pedro Inácio; FERRASSO, Juliano. Caça, pesca e coleta de uma aldeia Guarani. In. CARBONERA, Mirian e SCHMITZ, Pedro Inácio. Antes do oeste catarinense. **Arqueologia dos povos indígenas**. Chapecó: Argos, 2011.

SOBRE O ORGANIZADOR

Roque Ismael Da Costa Güllich - Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI (1999), Aperfeiçoamento em Biologia Geral: CAPES -UNIJUÍ (1999), Especialização em Educação e Interpretação Ambiental UFLA (2000), Mestrado em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ (2003) e Doutorado em Educação nas Ciências - UNIJUÍ (2012). Atualmente é professor da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Campus de Cerro Largo-RS, na área de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado de Ciências Biológicas. Tem experiência na área de Educação, com ênfase na Formação de Professores de Ciências e Biologia, atuando na pesquisa, na extensão e na docência, principalmente nos seguintes temas: Ensino de Ciências e Biologia, Educar pela Pesquisa, Livro Didático, Currículo e Ensino de Ciências. Metodologia e Didática no Ensino de Ciências/Biologia. Prática de Ensino e Estágio Supervisionado de Ciências e Biologia. Foi bolsista CAPES do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência - PIBID, coordenando o subprojeto PIBIDCiências. Atualmente é bolsista SESu MEC como tutor do Programa de Educação Tutorial – PETCiências, é coordenador do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências – PPGEC – UFFS e é Editor chefe da Revista Insignare Scientia – RIS.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-102-2

